

Delfim tenta convencer ingleses

Da sucursal e
do correspondente

O ministro do Planejamento, Delfim Netto, que ontem chegou a Londres procedente do Kuwait, deverá promover gestões junto às autoridades britânicas com o propósito de demover o governo inglês da determinação de não participar do financiamento de US\$ 2,5 bilhões para importações brasileiras em 1984, ponto essencial do "pacote" financeiro de US\$ 11 bilhões que o País está negociando com o mercado financeiro internacional.

Uma fonte qualificada da Seplan, consultada ontem, admitiu que a questão que está realmente preocupando o governo e o comitê de assessoramento constituído pelos banqueiros credores, não é o crédito financeiro de US\$ 6,5 bilhões, ainda incompleto, mas a falta de pelo menos US\$ 1 bilhão para complementar os recursos comerciais. Sem estes, não haverá possibilidade da conclusão das negociações com a assinatura dos contratos do "jumbo" até o próximo dia 20, conforme foi acertado.

Ainda que oficialmente a presença do ministro do Planejamento em Londres, durante 48 horas, seja explicada apenas como uma "visita de informação e de contatos com banqueiros", é certo que ele vai tentar, junto às autoridades britânicas, um acordo que possibilite a adesão da Inglaterra ao financiamento comercial, num volume próximo de US\$ 1 bilhão.

VERSÕES

Há duas versões para explicar a recusa inglesa. A primeira afirma que a decisão do governo de Margaret Thatcher tem implicações políticas, e estaria vinculada à disposição do governo brasileiro de não mais conceder apoio logístico aos aviões militares britânicos em território brasileiro, em sua rota das bases inglesas para as Falklands. A segunda versão afirma que o não cumprimento, por parte do governo brasileiro, de compromissos anteriormente assumidos com a Inglaterra, em relação às operações de "supplier's credits", teria levado Londres a não mais conceder tais empréstimos ao Brasil.

Os que veiculam a segunda versão afirmam que várias operações negociadas com Londres nos dois últimos anos não tiveram implementada a sua parte relativa aos recursos para aquisição de equipamentos, embora tenham sido liquidados os créditos financeiros incluídos nas mesmas operações. Seja como for, a opinião dos técnicos da Seplan é de que, neste momento, depende de uma decisão da Inglaterra a implementação de todo o programa de refinanciamento da dívida brasileira.

Essas fontes acreditam que algum tipo de pressão está sendo exercido sobre Londres, tanto da parte do Brasil como de alguns de seus maiores credores, como os Estados Unidos, no sentido de uma mudança de posição do governo inglês, no mais curto espaço de tempo possível, pois restam apenas dez dias úteis para o ano acabar.

KUWAIT

Ao chegar a Londres, Delfim Netto deu a entender que está encontrando dificuldades para convencer alguns bancos pequenos, principalmente do Kuwait, a participarem do empréstimo-jumbo de US\$6,5 bilhões, que o Brasil necessita com urgência para aliviar sua situação junto à comunidade financeira internacional. O ministro está hospedado no Hyde Park Hotel e, numa conversa com jornalistas, ontem à noite, disse que tudo o que foi conversar no Oriente Médio — no Kuwait, na Arábia Saudita e no Bahrein — foi satisfatoriamente resolvido. Mas admitiu que alguns bancos do Kuwait ainda estão reticentes com relação a uma participação no "pacote" financeiro de US\$6,5 bilhões.

Na conversa com os jornalistas, o ministro do Planejamento falou do aumento da produção do petróleo brasileiro ("além de todas as expectativas"), das descobertas de reservas de gás exploráveis comercialmente, da nova política de controle das estatais e, principalmente, da necessidade de criação de uma verdadeira política salarial no Brasil, para que o País possa sair da crise em que se encontra.

Delfim Netto ficará em Londres até amanhã, quando embarcará de volta ao Brasil.